

NOSSA OPINIÃO

CONTAS EM DECLÍNIO

A Câmara Municipal de Tatuí recebeu o balancete semestral e as contas públicas estão em declínio. O vereador Fábio Menezes (PROS) disse a esta coluna que, ao compulsar a peça orçamentária, ficou apreensivo com a dívida contraída pelo Poder Executivo e que a arrecadação cai mês a mês. O parlamentar arrisca um palpite e diz: “pelo que vi acredita-se que os funcionários municipais poderão ter dificuldade para receber o 13º salário este ano”. Se tudo estiver no prognóstico do vereador Menezes, a situação é preocupante. Ele explica que a arrecadação está em declínio em razão da situação econômica do País. Com certeza, pela forma errônea da condução da política econômica implementada pelo PT e pela presidente Dilma Rousseff. Diante desta infausta observação do vereador tatuiano, se faz necessário que o Poder Legislativo olhe com mais rigor para os gastos públicos. Esta fiscalização pode poupar o funcionalismo municipal de passar um Natal desagradável, como prevê o vereador Fábio Menezes.

ATÉ QUANDO?

Dia 10 de setembro, o site G1 trouxe a triste manchete: “Auxílio atrasa e mãe compra “fiado” para cuidar de jovem com paralisia”. Esta é a história da aposentada Eva Maria Rodrigues, moradora de Tatuí, que de maio a agosto encontra-se sem auxílio da Prefeitura para cuidar de seu filho Fernando, 25 anos, com paralisia cerebral. Segundo a matéria, produtos que deveriam ser entregues pelo Poder Executivo, como suplementos, leite especial e fraldas foram comprados “fiados” por Eva. O secretário da Fazenda do município, Carlos Cesar Pinheiro, justifica o injustificável: “houve um recadastramento das famílias e a distribuição foi prejudicada por alguns dias”. Depois da denúncia na TV a Assistência Social entrou em contato com a família e entregou 48 fraldas, suficiente para duas semanas. Outra que passa pela mesma situação é a dona de casa Luciane de Fátima Amaral. O G1 informa que ela tem um filho com deficiência e a ajuda à família também ficou suspensa no período de maio a agosto.

Ao nosso ver, a notícia conduz-nos a uma indagação: a presente administração municipal só atua quando tangida e constrangida por graves denúncias e justas reclamações feitas à imprensa pelos cidadãos carentes desta cidade? A inépcia do administrador público legítima e autoriza que se formule, contra ele e contra todos os seus epígonos, um juízo de reprovabilidade e de desvalor ético quanto à sua conduta. Ah! Senhor Deus dos desgraçados (parafraseando Castro Alves) e humilhados... Quanto desprezo do Poder Municipal pelas necessidades inadiáveis de munícipes angustiados, quanta insensibilidade dos burocratas de plantão ante os clamores desesperados de pessoas necessitadas, quanta indiferença do aparelho governamental pelo sofrimento dos que realmente precisam... Até parece que essa administração municipal mostra-se indiferente e julga-se superior aos clamores de cidadãos cuja voz, abafada pelo desespero e sufocada pela indignação, não consegue transpor os umbrais de um poder arrogante... Até quando admitiremos tamanha irresponsabilidade? Até quando?

TROVAS

J. R. do Amaral Lincoln

“Disk Dilma” é algo bem sério...
Mal saiu e está bem quente:
- disque 10: “cai Ministério”;
- disque 100: “cai Presidente”!

Você é livre pra semear...
A semente você escolhe...
Você sabe o que plantar,
mas nunca sabe o que colhe !

Terminamos!... Sorte que
Há um consolo neste fim:
sempre fui só de você,
e você só foi de mim.

Opinião



DESTAQUES ECONÔMICOS

Antônio José Martins

e-mail: martins_32@terra.com.br

O BRASIL ENFRENTA DUAS GRANDES CRISES: UMAECONÔMICA E OUTRA POLÍTICA – Qual das duas é mais prejudicial ao nosso País? Ambas se complementam, se enroscam, e coitado do nosso País!

PERDEM O GRAU DE INVESTIMENTO – O Brasil, os grandes bancos (Itaú, Banco do Brasil, Bradesco) e grandes firmas nacionais, capitaneadas pela já combalida Petrobrás.

SÓ CONSEGUIREMOS SAIR DA CRISE – Se houver um amplo, sincero e urgente entendimento entre Governo, Legislativo, Judiciário, patrões e empregados.

ACONTECERÃO, COM CERTEZA – Cortes de gastos na máquina governamental e aumento severo na carga tributária. E tais medidas irão gerar protestos dos prejudicados.

MAS PRECISAMOS URGENTEMENTE – Evitar que outras agências acompanhem a Standard & Poor's. Pioraria, e muito, nossa situação.

MINISTRO DO STF – Sugere liberação do porte de até 25 gramas de maconha e plantio para utilização própria. Nosso comentário: copiaremos Uruguai e Portugal?

PORTUGAL FACILITA AINDA MAIS CONCESSÃO DE “VISTO GOLD” – Nosso comentário: alguém se habilita em transferir-se para a “terrinha”?

EMPRESAS DE EDUCAÇÃO DEVEM ASSUMIR RISCO DE CRÉDITO – Os ban-

cos estão dificultando, e para evitar a perda de alunos, os colégios estudam assumir parcela de responsabilidade.

DÓLAR VAI AO MAIOR VALOR – Em mais de doze anos.

SUSTEM – 37 mil equipamentos fora de uso no País.

MINISTRO DAS COMUNICAÇÕES ADMITE CORTE NO PROGRAMA “MINHA CASA, MINHA VIDA” – É o governo começando a fazer sua parte no corte de gastos?

GOVERNO QUER AUMENTAR ALÍQUOTAS DE IPI, IOF E CIDE – É o governo iniciando o aumento de taxas e impostos?

REPATRIAÇÃO DE RECURSOS DE PESSOAS FÍSICAS E EMPRESAS QUE MANDARAM DINHEIRO PARA O EXTERIOR SEM DECLARÁ-LOS AO FISCO – Nosso comentário: Governo espera repatriar de 150 a 200 bilhões de reais. Tomara que consiga. Tenho cá minhas dúvidas.

GOVERNO ESTUDA AUMENTO DO IMPOSTO DE RENDA – Ministro Levy acha que o brasileiro paga pouco!!!

QUAL FOI A DATA DO ENGANO? – 2008, quando o então presidente Lula declarou “ser uma vitória do povo brasileiro” o Brasil ter conseguido da S&P o grau de investimento, ou 2015, quando acaba de declarar que essa “perda do grau não serve para nada”.

Por hoje é só. Tenham uma ótima semana, e vamos, na medida de nossas forças, colaborar para que o Brasil saia logo dessa enrascada.

CRISE FISCAL E CORAGEM PARA MUDAR

* Marcos Cintra

A proposta orçamentária da União para 2016 chegou ao Congresso causando tensão na economia brasileira. O projeto contempla o primeiro déficit da história contemporânea do País e joga para os parlamentares parte da responsabilidade de cobrir o rombo. A projeção é de crescimento dos gastos da ordem de R\$ 104,8 bilhões e para acomodar essa elevação o governo pretende aumentar a tributação sobre bebidas, computadores, celulares, tablets e nas operações de crédito do BNDES. Porém, esse ônus tributário adicional não será suficiente para equilibrar as contas e a previsão é de um saldo negativo de R\$ 30,5 bilhões no próximo ano, ou 0,5% do PIB.

A proposta orçamentária apresentada é um bom retrato da situação fiscal do País e uma oportunidade rara para a sociedade discutir a atual estrutura das finanças públicas brasileira. O quadro é grave e foi resumido de modo direto em duas ocasiões por membros do governo. Recentemente o ministro Joaquim Levy afirmou que “a situação fiscal é séria”. Esse também foi o discurso de Michel Temer ao participar de evento da revista “Exame” em São Paulo. Para o vice-presidente da República o déficit do orçamento é “extremamente preocupante”.

Ao entregar a proposta no Congresso, Joaquim Levy deixou claro que a ideia é elaborar junto com o Legislativo medidas para financiar o rombo e que a intenção é mexer nos gastos obrigatórios. Este é um ponto importante a ser destacado. Em 2015 a carga tributária deve ser recorde, equivalente a 37% do PIB, patamar que não condiz com a renda per capita do País. Não existe mais espaço para continuar impondo ônus sobre o contribuinte brasileiro. O foco do ajuste deve ser

a redução das despesas públicas e isso passa pela revisão da rigidez orçamentária. Os gastos que o governo tem controle equivalem a apenas 10% da arrecadação. Existe um excesso de vinculação da receita e isso dá pouca margem de manobra ao Executivo. É indispensável revê-las, sobretudo porque comprovadamente essa prática não proporciona eficiência dos gastos e não qualifica os serviços públicos.

Outra proposta para flexibilizar a gestão das contas públicas é a adoção do orçamento base-zero. Dessa forma seria possível identificar gastos injustificáveis sob qualquer critério objetivo de valia social, mas que se mantêm por inércia no vigente regime orçamentário incremental. O modelo sugerido permite margem de manobra mais ampla para o gestor público atuar pelo lado da despesa quando ajustes são requeridos. Facilita cortar gastos.

A revisão dos gastos obrigatórios e a implantação do orçamento base-zero são medidas de grande alcance para a necessária flexibilização da gestão das contas públicas brasileiras. Impõem mudanças estruturais que devem vir acompanhadas de ações complementares como, por exemplo, a redução do abusivo número de servidores em cargos de indicação política que, segundo a ONG Transparência Brasil, chegam a 20,5 mil na esfera federal contra nove mil nos Estados Unidos, 500 na Alemanha e 300 na Inglaterra.

A situação das finanças pressiona por corte de gastos. O Executivo e o Congresso estão juntos nessa missão. É preciso inovar. É preciso coragem para levar essas propostas adiante, sob pena do custo social se tornar insuportável mais adiante.

* Marcos Cintra é doutor em Economia pela Universidade de Harvard (EUA) e professor titular de Economia na FGV (Fundação Getúlio Vargas). Foi deputado federal (1999-2003) e autor do projeto do Imposto Único.

A CRISE DO CARÁTER

*GAUDÊNCIO TORQUATO

A matreirice sempre deu o tom na política nacional. No dia 31 de março de 64, Benedito Valadares, raposa matreira, encontrou-se com José Maria Alkmin e Olavo Drummond no aeroporto de Belo Horizonte.

- Alkmin, para onde você vai?

- Para Brasília.

- Para Brasília, ah, sim, Brasília. Sei.

Os três seguiram conversando até o cafezinho. Até que Benedito, piscando um olho, cutucou o braço de Olavo:

-É, o Alkmin está dizendo que vai para a Brasília para eu pensar que ele vai para o Rio. Mas ele vai mesmo é para Brasília.

A artimanha é conhecida nos tratados de guerra como engano de segundo grau. Alkmin queria tapear Benedito dizendo-lhe a verdade para tirar proveito de sua descon-fiança.

Ao longo da história, a enganação tem feito carreira. Nos últimos tempos, porém, os jogos do engodo, da simulação e da dissimulação atingem níveis absurdos. Temos visto tapeação de primeiro, segundo e terceiro grau. Delatores apontam pessoas que teriam recebido propina dos dutos da Petrobras e são desmentidos; o governo en-saia a volta da CPMF, mas retrocede; tira, por decreto, poderes dos Ministros militares em matéria de política de pessoal e os repõe ante a onda negativa; põe na agenda um enxugamento dos ministérios e fica por isso mesmo; TCU e TSE sugerem dúvidas sobre os próximos passos em relação às pedaladas e contas de campanha da presidente. O Brasil perde o grau de investimento, com o rebaixamento feito pela S&P, e Lula diz que isso não vale nada. De arrepiar. A palavra distancia-se de seu significado. A imprensa registra algo em um dia e, no seguinte, o contraditório.

A administração federal mais parece barata tonta depois de forte dose de inseticida. Não sabe onde rodopiar. Enchentes em alguns pontos, grande seca em outros, e reservatórios de água suprem populações com seus volumes mortos. A dúvida se instala: as chuvas de setembro e outubro garantem normalidade ou sofreremos crise hídrica e energética?

A violência registra casos de horror extremo, como a chacina que matou 19 pessoas em Osasco (SP), deixando suspeitas sobre o próprio aparelho policial. O palavrório de sempre se instala. As ruas se enchem com desfiles de pedintes e, nos semáforos, meninos e adolescentes se multiplicam na tarefa de mostrar habilidades com bolas, pernas de pau, facas e tochas de fogo. A estética da miséria expande cores cinzentas e escancara a desilusão de milhões de brasileiros que, após subirem um degrau na escada da pirâmide social, se vêem arastados para o andar de baixo, onde a classe D tenta sobreviver no meio de um turbilhão de carências. Falta dinheiro para completar a fatia de carne, o saquinho de arroz, o quilo de feijão. Verduras? Nem pensar. E o Bolsa Família para as margens? Já deu o que tinha de dar. É coisa pouca.

A tétrica anatomia urbana, como a pedrinha do dominó empurrando a seguinte, ameaça a queda de todas. Mas há algo pior: é a

miséria moral que o país herda do seu aglomerado de crises. A necessidade de sobrevivência acaba corroendo a base do caráter. Os efeitos aparecem na propensão para a violência, para desvios e inclinação de certos núcleos na apropriação de bens de outros. O engodo que se instalou em cima desce a outros níveis.

Daí a conclusão: as fontes da seara do caráter também secam. Sentimentos e relações sociais se impregnam da ordem moral que recai sobre a sociedade. Torna-se difícil manter a coluna vertebral ereta quando os poderosos a dobram, em todos os instantes, no atendimento às suas conveniências.

A desconfiança, quando não a indignação, passa a imperar, principalmente no seio de grupos de sólida formação moral. Que passam a cristalizar e a verbalizar o sentimento de repúdio à classe dirigente, com ênfase aos integrantes do partido que, há quase 13 anos, ocupa o centro do poder. Convém lembrar, porém, que parcela da população, aflita com o cinturão que aperta seu corpo, faz prevalecer o bem material sobre o valor moral. Essa é horrenda feição desenhada pela miséria.

Caráter é o espelho da grandezahumana. Integra um sistema de valores compostos, entre outros, por lealdade, compromisso, companheirismo, confiança, comunhão de propósitos. De nossos avós, uma frase comum era: “aquele era um homem de palavra”. Queriam dizer: “um homem de caráter”. Quem pode afirmar a mesma coisa neste ciclo de deterioração do escopo moral?

A paisagem é celeremente contaminada pela crise da corrosão do caráter, terrível doença que Richard Sennett, professor de sociologia da Universidade de Nova Iorque, aponta como uma das mais trágicas do mundo moderno. A degradação do caráter é metástase que se propaga em função das mazelas da vida pública. A crise de caráter puxa a da credibilidade. A crença nas instituições e nos agentes públicos se esvanece.

Leis não obedecidas, justiça lenta, projetos casuísticos, distorção de prioridades, violência extrema, tibieza de governantes, culto à improbidade, mais impostos e muita mentira amortece o ânimo nacional. Ante esse quadro, o povo clama por ações de um Estado que se mostra anêmico e inerte.

Quem imaginaria um ex-presidente da República idolatrado e uma mandatária bem aclamada em seu primeiro mandato vestirem o manto de bonecos infláveis representando o engodo? Teriam faltado à verdade com o eleitor? Teriam mistificado as massas pela propaganda política?

Que tempos. Tempos de grandes mentiras.

O libertador Simon Bolívar, tão admirado pelas esquerdas latino-americanas, fazia, há 165 anos, um desabafo: “*não há boa fé na América, nem entre os homens nem entre as nações. Os tratados são papéis, as constituições não passam de livros, as eleições são batallas, a liberdade é anarquia e a vida um tormento*”. O timoneiro fez uma profecia, mais que um queixume. A vida brasileira se aproxima do tormento.

Gaudêncio Torquato, jornalista, professor titular da USP é consultor político e de comunicação. Twitter: @gaudtorquato